ANO XXII | Julho de 1962. | N.º 7.

"De si mesma a humanidade não possui luz. Separados de Cristo, somos semelhantes a um círio não aceso, como a Lua quando tem a face voltada para o lado contrário ao Sol; não temos um único raio luminoso a lançar sôbre a treva do mundo. Ao volver-nos, porém, para o Sol da justiça, ao nos pormos em contato com Cristo, a alma inteira é iluminada com o brilho da divina presença". E. G. White.

Conferência realizada em Londrina, Paraná, nos dias 5 - 8 de julho.

Observador da Verdade

Mensário

Boletim oficial da União Missionária dos A. S. D. - Movimento de Reforma - no Brasil, com sede à Rua Tobias Barreto, 809 — São Paulo — Brasil

ANO XXII, N.º 7, JULHO

— 1962 —

Diretor: **André Lavrik**

Redator responsável:
Ascendino F. Braga

Escritório: Rua Tobias Barreto, 809
Tel 93-6452, S. Paulo.

Redação, Administração e Oficinas:

Rua Amaro B. Cavalcanti, 21,

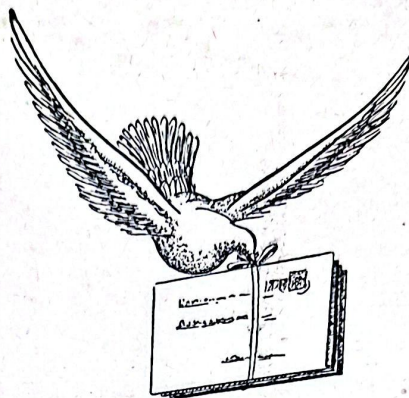
Vila Matilde, S. Paulo

Correspondência à

Editôra Missionária "A Verdade Presente", Caixa Postal 10.007 — S. Paulo. —

SUMÁRIO

PENSAMENTO

Não se pode ter maior sinal de um orgulho confirmado do que quando uma pessoa pensa que é bastante humilde. — *William Law.*

ESCREVEM-NOS...

De Lins, SP (Sanatório Clemente Ferreira)

"Há tempos estou internado neste Sanatório... Tenho muita vontade de possuir o livro 'Um Novo Mundo', mas, como estou em situação difícil, peço enviarem-me o livro grátis. Confiando em que serei atendido..."

J. P. A.

"Façam o favor de mandar-me o folheto que explica como os cristãos aceitaram a observância do domingo".

B. M.

De Salvador, Ba

"Peço-vos enviar-me o livro 'Um Novo Mundo', 3a. edição".

C. A. S.

De Botafogo, Gb

"Venho solicitar a remessa (de publicações) que estão anunciadas numa revista 'Conselheiro da Boa Saúde' que comprei em minha casa. Ficarei muito grata se fôr atendida".

F. F.

De Cabo Frio, RJ

"Gostaria de que me enviassem, pelo Serviço de Reembôlso Postal, o livro intitulado 'Um Novo Mundo'."

M. A. L. S.

A GRANDE NECESSIDADE DA IGREJA

E. G. White

Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós é a maior e a mais urgente de tôdas as nossas necessidades. Buscá-lo deve ser nossa primeira obra. Devemos fazer sérios esforços por alcançar a bênção do Senhor, não porque Deus não esteja pronto para no-la conceder, mas porque não estamos preparados para recebê-la. Nosso Pai celestial está mais pronto a conceder Seu Santo Espírito àqueles que lhO pedem do que pais terrenos a dar boas dádivas aos seus filhos. Cabe-nos, porém, a obra de, mediante confissão, humilhação, arrependimento e sincera oração, cumprir as condições sob as quais Deus prometeu conceder-nos a Sua bênção. Devemos esperar um reavivamento sòmente em resposta à oração. Enquanto o povo estiver tão destituído do Santo Espírito de Deus, não poderão apreciar a pregação da Palavra; mas quando o poder do Espírito lhes tocar os corações, então os sermões apresentados não ficarão sem efeito. Guiados pelos ensinos da Palavra de Deus, com as manifestações do Seu Espírito, no exercício de uma discreção salutar, os que assistem às nossas reuniões alcançarão uma experiência preciosa, e, voltando para a casa, estarão preparados para exercer uma influência salutífera.

Os velhos porta-estandartes sabiam o que era lutar com Deus em oração e desfrutar o derramamento do Seu Espírito. Mas êsses estão abandonando o palco de ação; e quem são os que nêle surgem para tomar-lhes os lugares? O que há com a geração que se está levantando? São convertidos a Deus? Estamos despertos para a obra que está em prosseguimento no santuário celestial, ou estamos esperando que venha sôbre a igreja algum poder compelidor antes de nos despertarmos? É nossa esperança vermos reavivada tôda a igreja? Êsse tempo nunca virá.

Há, na igreja, pessoas que não são convertidas e que não se unirão em oração sincera e eficaz. Devemos empreender a obra individualmente. Devemos orar mais e falar menos. A iniqüidade se multiplica, e o povo deve ser ensinado a não se satisfazer com uma forma de piedade sem o seu espírito e poder. Se nos dedicarmos a examinar os nossos corações, a abandonar os nossos pecados, a corrigir as nossas más tendências, nossas almas não se elevarão para a vaidade, desconfiaremos de nós mesmos e teremos um senso permanente de que nossa suficiência vem de Deus.

Temos muito mais a recear de dentro do que de fora. Os empecilhos que se opõem à fôrça e ao sucesso são muito maiores da parte da igreja que da parte do mundo. Os indrédulos têm o direito de esperar que aquêles que professam ser guardadores dos mandamentos de Deus e a fé de Jesus façam mais que qualquer outra classe por promover e honrar, mediante sua vida coerente, seu exemplo piedoso e sua influência ativa, a Causa que representam. Quantas vêzes, porém, os professos advogados da Verdade se constituíram o maior empecilho ao seu avançamento! O condescender com a incredulidade, o exprimir dúvidas, o acariciar trevas, favorecem a presença dos anjos maus e abrem o caminho para o cumprimento dos planos de Satanás.

O adversário das almas não tem permissão para ler os pensamentos dos homens; mas êle é um observador agudo, e marca as palavras, toma nota das ações e, com perícia, adapta suas tentações aos casos dos que se colocam sob seu poder. Se nos esforçássemos por reprimir pensamentos e sentimentos pecaminosos, não

lhes dando expressão em palavras e atos, Satanás seria derrotado, pois não poderia preparar suas tentações especiosas, adaptadas ao caso.

Com que freqüência, porém, os cristãos professos, graças à sua falta de domínio próprio, abrem a porta ao adversário das almas! Divisões e amargas dissensões que desgraçariam qualquer comunidade mundana, são comuns nas igrejas, por fazerem tão pouco esfôrço para dominar os maus sentimentos e reprimir tôda palavra de que Satanás possa tirar vantagem. Tão logo surja uma alienação de sentimentos, o assunto é exposto diante de Satanás para sua inspecção, e é-lhe dada a oportunidade de usar sua sabedoria e perícia ofídias para dividir e destruir a igreja. Há grande perigo em cada dissenção. Amigos pessoais de ambos os lados, tomam partido em favor dos seus favoritos, e, assim, a brecha se alarga ainda mais. Uma casa dividida contra si mesma não pode subsistir. Engendram-se e se multiplicam criminações e recriminações. Satanás e seus anjos estão em ação, ativamente, para obter uma colheita da semente lançada dessa maneira.

Os mundanos olham e exclamam zombeteiramente: "Vêde como êsses cristãos se odeiam uns aos outros! Se isso é religião, não a queremos". E olham com grande satisfação para si mesmos e para seu caráter irreligioso, sendo assim confirmados em sua impenitência, e Satanás exulta por seu sucesso.

O grande enganador tem seus ardis preparados para cada alma que não esteja preparada para a prova e guardada por oração constante e fé viva. Como ministros, e como cristãos, devemos trabalhar para remover do caminho as pedras de tropêço. Devemos tirar todo obstáculo. Confessemos e abandonemos todo pecado para que seja preparado o caminho do Senhor, a fim de que Êle venha às nossas assembléias e nos conceda Sua graça. Devemos vencer o mundo, a carne e o diabo.

Não podemos preparar o caminho conquistando a amizade do mundo, que é inimizade contra Deus. Mas, com a Sua ajuda, podemos romper sua sedutora influência sôbre nós mesmos e sôbre outros. Não podemos, quer individualmente quer como uma corporação, pôr-nos a seguro contra as constantes tentações de um inimigo implacável e decidido; mas no poder de Jesus podemos resistir a elas.

De cada membro da igreja pode brilhar diante do mundo uma luz constante, para que não sejam levados a perguntar: "Que faz êsse povo mais do que outros?" Pode e deve haver um afastamento da conformidade com o mundo, um evitar de tôda aparência do mal, para que não seja dada ocasião alguma aos contradizentes. Não poderemos escapar do opróbrio; êle virá; devemos, contudo, exercer todo cuidado para que não sejamos exprobrados por causa dos nossos próprios pecados ou loucuras, mas, sim, por causa de Cristo.

Nada há que Satanás receie tanto como o limpar o povo de Deus o caminho pela remoção de todo empecilho, a fim de que o Senhor possa derramar Seu Espírito sôbre uma igreja languescente e uma congregação penitente. Se as coisas corressem como Satanás quer, jamais haveria outro despertamento, grande ou pequeno, até o fim do tempo. Não ignoramos, porém, os seus estratagemas. É possível resistirmos ao seu poder. Quando o caminho estiver preparado para o Espírito de Deus, a bênção virá. Satanás não pode impedir uma chuva de bênçãos de cair sôbre o povo de Deus assim como não pode fechar as janelas do céu para que não caia chuva sôbre a Terra. Homens maus e demônios não poderão impedir a obra de Deus nem excluir Sua presença das assembléias do Seu povo, se, com corações subjugados e contritos, confessarem e abandonarem seus pecados, e com fé reclamarem Suas promessas. Tôda tentação, tôda influência opositora, quer manifestada ou secreta, poderá ser resistida com êxito, "não por fôrça nem

por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos".

Estamos no grande dia da expiação, quando nossos pecados, precedidos de confissão e arrependimento, deverão ser tratados em juízo. Deus não aceita agora um testemunho fraco e descoroçoado da parte dos Seus ministros. Tal testemunho não seria verdade presente. A mensagem para êste tempo deve ser alimento oportuno para alimentar a igreja de Deus. Satanás, todavia, tem procurado roubar gradualmente o poder desta mensagem, para que o povo não esteja preparado para estar de pé no dia do Senhor.

Em 1844 nosso grande Sumo Sacerdote entrou no lugar santíssimo do santuário celestial para dar início à obra do juízo investigativo. Os casos dos justos mortos estão passando em revista perante Deus. Quando essa obra estiver completada, será pronunciado julgamento sôbre os vivos. Quão preciosos, importantes e solenes são êstes momentos! Cada um de nós tem um caso pendente no tribunal celestial. Deveremos ser julgados individualmente de acôrdo com o que tivermos feito por meio do corpo. No serviço típico, quando a obra da expiação era realizada pelo sumo sacerdote no lugar santíssimo do santuário celestial, exigia-se do povo que afligissem suas almas diante de Deus e confessassem seus pecados, para que fôssem expiados e apagados. Porventura se exige menos que isso de nós neste antitípico dia de expiação, quando Cristo está no santuário celestial pleiteando em favor do Seu povo e quando a decisão final, irrevogável, deve ser pronunciada sôbre cada caso?

Qual é nossa condição neste tempo tremendo e solene? Oh! que orgulho prevalece na igreja, que hipocrisia, que engano, que amor ao vestuário, que frivolidade, que diversão, que desejo de supremacia! Todos êsses pecados anuviaram a mente de modo que as coisas eternas não têm sido discernidas. Não examinaremos as Escrituras para sabermos onde estamos na história dêste mundo? Não havemos de ficar versados com respeito à obra que está sendo realizada em nosso favor neste tempo e com respeito à posição que nós, como pecadores, deveremos tomar enquanto essa obra de expiação estiver em andamento? Se temos alguma consideração pela salvação das nossas almas, devemos fazer uma decidida mudança. Precisamos buscar o Senhor com verdadeiro arrependimento; precisamos, com profunda contrição de alma, confessar nossos pecados, para que sejam apagados.

Não devemos permanecer por mais tempo sôbre o terreno encantado. Estamo-nos aproximando ràpidamente do fim do tempo da graça. Cada alma deve indagar: "Como estou perante Deus?" Não sabemos quão breve nossos nomes poderão ser tomados nos lábios de Cristo e quão breve nossos casos poderão ser finalmente decididos. Oh! quais serão essas decisões! Seremos contados com os justos ou seremos numerados com os ímpios?

Levante-se a igreja e arrependa-se de suas apostasias diante de Deus. Despertem-se os atalaias e dêem à trombeta um sonido certo. Devemos proclamar uma advertência definida. Deus ordena a Seus servos: "Clama a plenos pulmões, não te detenhas, ergue a tua voz como a trombeta, e anuncia ao meu povo a sua transgressão, e à casa de Jacó os seus pecados". Is 58:1. A atenção do povo deve ser despertada; a menos que isso seja feito, todo esfôrço será inútil, e ainda que um anjo do Céu descesse para falar-lhes suas palavras fariam o mesmo efeito que se fôssem faladas aos frios ouvidos de um morto.

A igreja deve despertar e agir. O Espírito de Deus nunca poderá vir enquanto ela não Lhe preparar o caminho. Deve haver cuidadoso exame de coração, oração unida e perseverante e, através da fé, um constante clamar pelas promessas de Deus. Deve haver, não vestiduras de saco, como

nos tempos antigos, mas uma profunda humilhação de alma. Não temos o menor motivo para congratular-nos e exaltar-nos a nós mesmos. Devemos humilhar-nos debaixo da poderosa mão de Deus. Êle confortará e abençoará aquêles que O buscam em verdade.

A obra está diante de nós; empenhar-nos-emos nela? Devemos trabalhar depressa, devemos ir avante perseverantemente. Devemos estar preparados para o grande dia do Senhor. Não temos tempo a perder, nem para empregar em propósitos egoístas. O mundo deve ser advertido. Que estamos nós fazendo, como indivíduos, para levar a luz a outros? Deus deu a cada um uma obra a fazer. Cada qual tem uma parte a desempenhar, e não podemos negligenciar esta obra a não ser com perigo para nossas almas.

Meus irmãos: Continuareis entristecendo o Espírito Santo, causando assim a Sua retirada? Continuareis excluindo o bendito Salvador porque não estais preparados para a Sua presença? Abandonareis almas a perecer sem o conhecimento da Verdade, porque gostais muito de estar folgados de preferência a carregar o fardo que Jesus portou por vós? Despertai do sono. "Sêde sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar". I Pe 5:8. *Review and Herald de* 22 *de março de* 1887.

—//—

RELATÓRIO DA 6ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO PARANÁ — SANTA CATARINA E CAMPO MISSIONÁRIO SUL - RIO - GRANDENSE

Manoel Rodrigues Agostinho

Às nove horas do dia 5 de julho de 1962, no templo sito à Rua Jacarèzinho, 451, na cidade de Londrina, Paraná, reuniram-se em assembléia ordinária os delegados da Associação, devidamente convocados.

A sessão foi aberta com o cantar do hino 190 "Assentado aos pés de Cristo", e oração do irmão E. Kanyo, presidente da União, que pediu para a assembléia a presença, direção e bênçãos divinas.

Com palavras de boas vindas expressaram-se os irmãos Desidério Devay (Presidente) e seus colaboradores Washington L. Bueno, José Policarpo da Cruz e Aderval P. da Cruz.

Procedeu-se à chamada dos delegados e, achando-se presentes dois terços, os quais apresentaram suas credenciais, foi declarada legal a assembléia.

A seguir foram lidos os seguintes relatórios, referentes ao biênio findante:

Relatório Espiritual:

Batizados durante o biênio	53
Recebidos por votos	12
Recebidos por transferência	9
Número atual de membros	330

Relatório da Colportagem:

Número de colportores (média)	28
Horas de trabalho	44.220
Livros vendidos (encad.)	49.232
Livros vendidos (broch.)	7.999
Revistas	35.403
Bíblias	1.265
Folhetos	6.377
Total de encomendas	Cr$ 21.917.340,00
Total das entregas	" 17.794.455,50

Relatório financeiro:

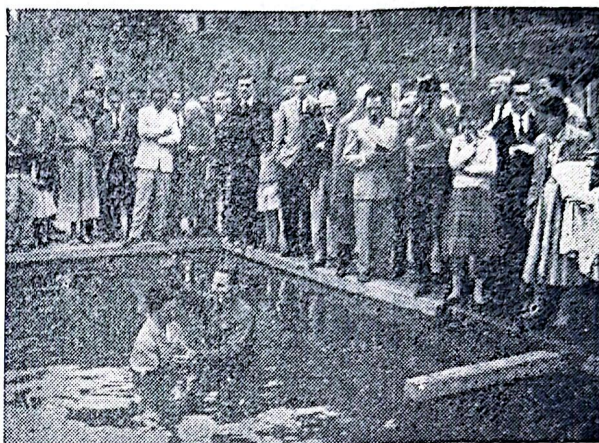
Entradas:

Dízimos	Cr$ 4.600.643,40
Of. 1º Dia da Semana	38.152,70
" Escola Sabatina	222.450,40
" Missionária	32.761,00
" das Primícias	121.252,20
" Assistência Social (Clínica)	49.336,50
" Escola Missionária	4.778,30
" Fundo de Aliment. da Conf.	15.372,50
" Semana de Oração	64.106,50
" Conferência Geral	26.143,70
" do 13º Sábado	84.484,20
" para Construções	89.086,00
" p/ Lições	5.066,00
Depósito de Londrina	20.070,00
Total	Cr$ 5.373.703,40

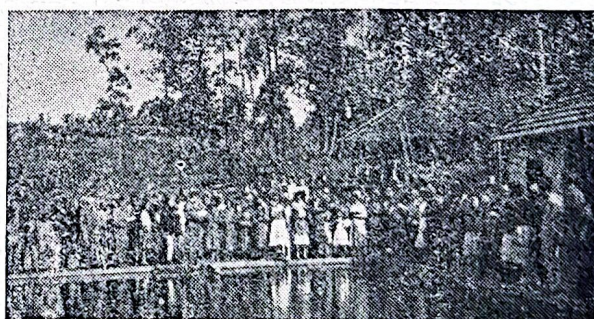
Saídas:

Ordenados de obreiros, aluguéis de casas de culto, transportes e outras despesas miss.	Cr$ 4.422.785,00
Conservação de prédios	78.312,70
Construção e compra de imóveis	511.669,00
Material p/escritório	31.503,70
Compra de móveis	18.594,20
Pobres	30.948,00
Alimentação da conferência	14.628,50
Entregue à União	1.500.356,90
Total	Cr$ 5.108.441,10

Total das entradas	Cr$ 5.373.703,40
Total das saídas	" 5.108.441,10
Saldo	Cr$ 265.262,30

Terminada a apresentação dêsses relatórios, o presidente da Associação irmão Desidério Devay, juntamente com seus colaboradores, depuseram seus cargos nas mãos do presidente da União e dos delegados.

Batismo realizado em Londrina, Pr.

O presidente da União, tomando a palavra, fêz ligeira preleção e pediu que a assembléia escolhesse alguns versos da Bíblia em sinal de gratidão pelos resultados colhidos. Foram apresentados os seguintes textos: Sl 126:2-6 e Is 41:10.

A seguir foi eleito um secretário para a conferência, uma comissão de nomeação, uma comissão de finanças e uma comissão de propostas.

Nesta piscina 6 almas foram batizadas.

O irmão Kanyo transmitiu as lembranças do irmão Lavrik aos delegados, relatando, também, notícias do trabalho na Austrália, Filipinas, Nigéria, e outros lugares onde há perspectivas de boa colheita de almas em futuro próximo.

A reunião foi encerrada com hino e oração.

À tarde houve estudos bíblicos sôbre a Tríplice Mensagem e a Obra do Assinalamento. À noite, houve conferência pública, sendo desenvolvido o tema: "O Maior Acontecimento do Próximo Futuro".

Dia 6, às 9 horas, foi aberta a segunda sessão com um hino e oração. Após a chamada dos delegados, a comissão de finanças apresentou o relatório do seu trabalho, declarando ter achado os livros em ordem e em harmonia com o relatório apresentado.

Às 10,30 h retirou-se a comissão de nomeação para um lugar à parte e a reunião continuou, sob a direção do irmão Kanyo.

Foram os seguintes os oficiais apontados pela comissão de nomeação para o biênio seguinte:

Presidente:

Desidério Devay

Secretário:

Henrique Wittmann

Tesoureiro:

Antonio Rivas Tobal

Comissão:

Desidério Devay, João Moreno, Henrique Wittmann, Antonio Rivas Tobal, Washington L. Bueno, Henrique Vitorino de Oliveira, Atanásio Barbosa.

Revisores:

Manoel Rodrigues Agostinho e Jorge Grus.

Diretor da Colportagem:

Aderval Pereira da Cruz

Sub-diretores da Colportagem:

Todos os obreiros e auxiliares, sob a supervisão do Diretor.

Encarregado do depósito de livros:

Antonio Rivas Tobal, tendo como auxiliares: Henrique Wittmann e Daniel Devai.

Secretário da Escola Sabatina:

Desidério Devay.

Secretário da Liga Juvenil:

1º João Moreno; 2º Washington L. Bueno.

Secretário da Obra Missionaria:

José Policarpo da Cruz.

Obreiro consagrado:

Desidério Devay.

Obreiros Bíblicos:

José Policarpo da Cruz, João Moreno, Washington L. Bueno, Atanásio Barbosa.

Obreiros auxiliares:

Nelson José do Prado, José Silva, Olindo Braga, Henrique Wittmann e Jorge Devai.

Delegados para a próxima conferência da União:

Desidério Devay (*ex-officio*), João Moreno, Washington L. Bueno, Henrique Wittmann, Antonio Rivas Tobal, Atanásio Barbosa, Henrique Vitorino de Oliveira, Manoel Rodrigues Agostinho.

Suplentes:

Constantino Baclan, Jorge Devai, José Policarpo da Cruz.

A tarde foi empregada em preparativos para o sábado e, às 20 horas, foi realizada uma conferência sôbre o assunto "O Lar Eterno — Como Alcançá-lo?".

O sábado foi um dia muito solene; as animadas reuniões e principalmente o sermão da segunda hora "Nossa preparação para a crise final", comoveram profundamente os corações presentes. Uma nota muito alegre na hora de experiências foi o relato da conversão de uma família japonesa, a família do irmão Sato.

Domingo, dia 8, foi realizada a terceira reunião dos delegados. A reunião

foi iniciada com um hino, oração e leitura de Filipenses capítulo dois.

Em seguida foram examinadas e aprovadas diversas propostas da delegação. As principais delas são:

1 — Construir um templo em Caçador, em terreno doado à Associação.

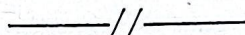
2 — Ampliar a casa de oração de Cangueri, SC.

No fim da reunião, foi lida uma carta chegada inesperadamente de Portugal, da parte do irmão João Devai, mandando saudações aos irmãos da conferência.

À tarde, em um aprazível lugar, onde há uma piscina natural, de propriedade da igreja batista, posta gentilmente à nossa disposição, foram batizadas 6 preciosas almas. Em seguida voltamos ao templo, onde foi feita a recepção dos novos membros (6 por batismo e 1 por votos) e celebrada a Santa Ceia.

À noite houve conferência pública, versando o tema sôbre o Julgamento Final. Feito um apêlo para que se apresentassem os que desejavam futuramente unir-se conosco em defesa da Verdade, levantaram-se 20 pessoas, e quando foram pedidos voluntários para a colportagem, apresentaram-se 10.

A reunião foi encerrada com o hino 282. Todos levaram no coração o firme propósito de permanecer fiéis à Verdade e servir Àquele que tanto nos amou.

——//——

NOTÍCIAS DO CAMPO

Do Rio Grande do Sul

Escreve-nos o irmão João Moreno (Julho de 1962):

"Em várias cidades do interior — Bagé, Lavras, Pelotas, Lageado, B. Ribeiro e outras cidades — onde temos irmãos e interessados, há bom ânimo e consideráveis despertamentos.

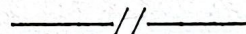
"Em Pôrto Alegre, nosso grupinho, qual semente de mostarda, está crescendo mais e mais, com auxílio do Senhor. Já temos animada Escola Sabatina com mais de 40 alunos. Nos últimos 10 meses, foram batizadas 16 almas, e temos atualmente bom número de interessados, inclusive uma igreja inteira de crentes evangélicos, que está recebendo nossos estudos. Dentre os novos irmãos batizados, temos 4 colportores bem animados.

"O sonho dos irmãos portoalegrenses está-se agora tornando em realidade, pois estamos construindo o templo que tanto esperavam. A contrução está bem avançada e os irmãos estão jubilosos".

De Goiás:

Escreve-nos o irmão Alfredo Carlos Sás (22-7-1962):

"Estive em Veadeiros... Há 3 almas prontas para o batismo... Em Paracatu temos duas famílias grandes. Visitei-as dia 28 último. Cinco pessoas já estão preparadas para o batismo... e outras 4 se estão preparando. Realizamos 3 conferências nessa cidade, e tivemos, em cada reunião, mais de 100 assistentes..."

——//——

Segurança

Quem pode prever, no momento da tentação, as terríveis conseqüências que resultarão de um passo errado e apressado! Nossa única segurança é abrigarmonos na graça de Deus cada momento, não confiando em nossa própria visão espiritual, para que não chamemos ao mal bem, e ao bem chamemos mal. Sem hesitação ou discussão precisamos cerrar e guardar as entradas da alma contra o mal.

O TIFO

O tifo é uma doença infecciosa, muito perigosa.

Sintomas

O período que decorre entre o contágio e a manifestação do tifo pode variar de 4 a 30 dias, mas, em média, oscila entre 10 e 14 dias.

A princípio, os sintomas da doença são leves. Muitas vêzes não obrigam o doente a guardar o leito nem a abandonar seus afazeres ordinários. Não tardam, porém, os sintomas a adquirir gravidade progressiva.

Inicialmente, o enfêrmo sente um mal estar geral, sensação de fadiga e fraqueza, falta de apetite, dores de cabeça, bôca amarga e pastosa, febre.

A febre, que começa baixa, vai subindo nos primeiros sete dias, sendo à tarde mais alta que de manhã, com diferença de pelo menos um grau.

Depois do sétimo dia, quando a doença já está desenvolvida, há febre elevada e contínua, com pequenas remissões pela manhã, e aparecem perturbações nervosas, delírios, prostração, apatia. Alguns doentes têm diarréias contínuas, e mesmo hemorragias intestinais; outros têm prisão de ventre.

O baço do doente quase sempre aumenta de volume, e, às vêzes, é ligeiramente doloroso. O abdômen se distende e torna-se sensível à pressão. A pele, principalmente no abdômen, mas também no peito e nas costas, apresenta petéquias (pontos vermelhos).

A mais grave das complicações da doença é a perfuração intestinal.

Causas

O tifo é produzido pelo bacilo de Eberth. Surge em caráter endêmico ou epidêmico, e aparece em tôdas as zonas da Terra.

O contágio se verifica por meio de alimentos contaminados, por meio de água infeccionada, por meio de matérias putrefatas, etc. Mesmo os convalescentes oferecem grande perigo de contágio, não raro durante meses.

O solo em que tenham sido enterrados excrementos de doente de tifo, conserva por muito tempo a possibilidade de contágio. É que o bacilo é muito resistente, vivendo até mais de três meses fora do seu meio habitual.

Através da terra, o bacilo pode chegar aos depósitos naturais de água e contaminá-la. Por isso, nos tempos das enchentes há sempre grande perigo de epidemias de tifo, uma vez que as águas estagnadas e infectadas se comunicam nessa época com os rios, riachos, fontes e outros depósitos de água potável.

A falta de asseio do ambiente favorece a proliferação do bacilo da doença. Onde não há água encanada, nem rede de esgotos, aí está o paraíso do tifo, que pode encontrar-se fàcilmente na poeira das ruas imundas, contaminadas por águas servidas e depósitos de lixo.

As môscas, que pousam em todos os lugares, apanham cargas mortíferas das

imundícies e as depositam sôbre os alimentos. Pousam também sôbre as roupas e os dejetos do doente, mergulhando suas patas em verdadeiras culturas de bacilos, e logo em seguida contaminam os alimentos.

O leite cru pode igualmente veicular o tifo.

A contaminação dos alimentos também se verifica através das mãos mal lavadas.

Prevenção

"A febre tifóide desaparecerá da face do globo, como desapareceu a varíola, quando govêrno, médicos e povo o quiserem", disse Hutchinson. Algumas regras são suficientes para evitar a doença:

1. Visto como se apanha a moléstia pela bôca, por meio dos alimentos contaminados, é preciso:

a. Lavar muito bem a verdura em água corrente, que não seja duvidosa, e, se possível, banhá-la, fôlha por fôlha, em suco de limão ou passá-la por 30 segundos em água fervente;

b. Nunca deixar alimento algum exposto às moscas;

c. Beber água seguramente filtrada ou fervida;

d. Lavar muito bem as mãos, com bastante água e sabão, antes de cada refeição.

e. Cuidar da higiene corporal e indumentária (tomar banho com freqüência e usar sempre roupa limpa).

2. O contágio pode dar-se por meio das roupas e dos objetos de uso de um doente de tifo; daí a necessidade de desinfectar ou ferver imediatamente essas coisas.

3. O lixo a ser recolhido pela Prefeitura deve ser pôsto imediatamente em recipientes próprios, tampados; e, onde não há recolhimento de lixo, o mesmo deve ser imediatamente enterrado. Águas servidas não deve haver à flôr da terra, mormente em volta das habitações ou nas ruas.

4. Por todos os meios possíveis, é preciso tratar de acabar com as môscas.

Tratamento

O tifo, desde o início, deve ser cuidado por médico, sendo legalmente obrigatória a comunicação da ocorrência à repartição de saúde pública mais próxima, para que, constatada a autenticidade do caso, seja imediatamente isolado o enfêrmo.

O tratamento adotado pela medicina naturista é o seguinte:

1. O doente deve ficar todo o tempo na cama, até que esteja bem adiantado na convalescença, não devendo levantar-se nem para ir ao banheiro, pois qualquer esfôrço pode produzir perfuração do intestino.

2. Desde a manifestação da doença, deve-se limpar bem o intestino do enfêrmo, mediante lavagens intestinais com suco de limão diluído em água meio morna.

3. O enfêrmo requer um regime de fácil e rápida digestão, que deixe a menor quantidade possível de resíduos no intestino e que não facilite a multiplicação dos bacilos: frutas frescas, mingaus de cereais (aveia), pão torrado. No comêço da febre, é bom que o enfêrmo não coma durante um dia ou dois, mas sòmente beba. Aliás, se o paciente puder passar só com sucos de frutas, ou se comer só frutas frescas, durante a enfermidade, isso o ajudará muitíssimo a eliminar o veneno e a reduzir a febre. Devem-se dar-lhe sucos ou limonada em abundância. Após a refeição, deve o enfêrmo enxaguar a bôca com suco de limão. Deve manter sempre limpa a bôca e os dentes.

4. Durante o dia, aplicam-se compressas frias ao ventre, alternadas, de duas em duas horas, com fomentações de 10 ou 15 minutos de duração. À noite aplica-se uma faixa abdominal úmida. Pode-se também, em lugar das compressas e da faixa, empregar, e com melhores resultados, uma cataplasma de barro ao redor da cintura, ou, melhor ainda, ao redor de todo o tronco do enfêrmo, renovando-a tôda vez que se seque.

5. O prof. N. Capo diz que o limão é muito indicado contra o tifo. Os bacilos não resistem ao poder microbicida do suco de limão tomado em quantidade suficiente, a saber, vários copos por dia. O suco de limão também faz abaixar a febre.

6. A febre se reduz eficazmente com esponjamentos totais, frios ou mornos, banhos de imersão mornos, lavagens intestinais frescas ou compressas frias sôbre o abdômen.

7. Compressas frias, aplicadas ao coração, tranqüilizam o enfêrmo. Aplicadas sôbre o couro cabeludo e sôbre a nuca, reduzem a dor de cabeça e a insônia. Um pedilúvio quente, de uns 5 minutos, ajuda a alcançar êsse resultado.

Em caso de hemorragia intestinal, deve-se aplicar uma bôlsa de gêlo ao abdômen do paciente, que deve permanecer quieto e sem comer pelo menos durante 12 horas.

Cuidados adicionais

Quem cuida do doente deve usar uma capa própria, sempre renovada, e ter à sua disposição roupa limpa para trocar freqüentemente, após o banho. Deve também lavar as mãos com bastante água corrente e sabão, e mergulhá-las em solução antisséptica, tôda vez depois de tocar no enfêrmo ou pegar em objetos por êle usados.

As roupas do paciente, depois de fervidas, devem ser mergulhadas por alguns minutos numa solução de formol a 5% ou de lisol a 2%, e depois lavadas com água e sabão.

A urina e as fezes do enfêrmo devem ser desinfectadas com cal virgem. Despeja-se água até cobrir a massa fecal e agrega-se cal virgem na proporção de um quarto do volume das fezes. Deixa-se assim o urinol tapado durante duas horas.

Onde não há esgôto, devem as fezes, depois de desinfectadas, ser bem enterradas.

As secreções do nariz e da bôca devem preferìvelmente depositar-se sôbre lenços de papel, que se colocam em saquinhos de papel e depois se queimam.

A louça e os talheres usados pelo doente devem ser fervidos.

Após o banho, deve colocar-se cal virgem na água usada pelo paciente, e, esvaziada a banheira ou a bacia, deve-se chamejá-la.

Junto ao quarto do enfêrmo devem ser colocadas bacias com soluções desinfectantes.

O convalescente de tifo oferece o mesmo perigo de contágio que o próprio doente. Mesmo depois de curada, a pessoa continua expelindo o bacilo, durante muito tempo, pelo que ela deve ser considerada uma perigosíssima fonte de contágio.

Não há região absolutamente imune contra o tifo. Há, isso sim, zonas muito mais protegidas e zonas muito menos protegidas, conforme suas condições sanitárias sejam boas ou más e conforme o povo seja esclarecido ou não.

Febres paratifóides

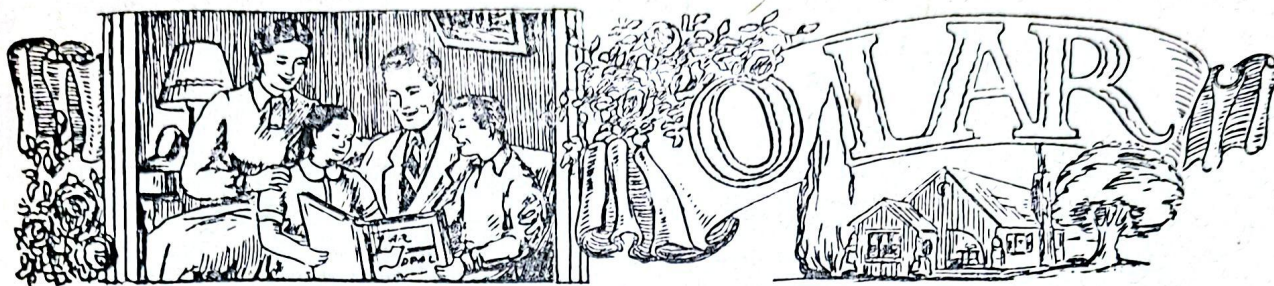
Além da febre tifóide, ocasionada pelo bacilo de Eberth, conhecem-se duas outras febres que muito se lhe assemelham e que são causadas por germe específico: são as febres paratifóides dos tipos A e B.

Os sintomas destas são tão semelhantes aos daquela, que só a investigação bacteriológica permite distinguir uma da outra.

As fontes de contágio, os veículos transmissores, os modos de infecção, o período de incubação, a freqüência de vectores e as medidas profiláticas são, em tudo, semelhantes.

A Redação

———————— : o : ————————

"A temperança põe lenha no fogo, alimento na despensa, farinha na barrica, dinheiro na bôlsa, crédito no país, contentamento no lar, abrigo nas costas e vigor no corpo." — B. Franklin

UM APÊLO A TODOS OS LARES

A higiene mental é a filha mais nova da Medicina. A princípio, sua ação limitava-se a prevenir as doenças mentais, os desvios de comportamento, os desajustamentos sociais, os delitos, os crimes. Com o decorrer do tempo, porém, seu campo de ação se alargou. Atualmente, ela visa também, e principalmente, o desenvolvimento máximo da personalidade do homem no sentido de melhor compreensão de seus problemas íntimos e de maior colaboração com seus semelhantes. Tem por finalidade fornecer luzes a todos os indivíduos para que desenvolvam ao máximo suas faculdades a fim de obterem maior rendimento no estudo, no trabalho, e nas várias atividades da vida social. Apreciamos êsse nobre propósito da higiene mental, mas não podemos crer na sua eficácia, a não ser quando ela opera de braço dado com o Evangelho, que "é o poder de Deus para a salvação", regenerando, restaurando, reconstruindo as ruínas morais da sociedade, de vez que sòmente êle atinge o foco do Mal, o coração do homem. "Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura: Ora, todos êstes males vêm de dentro e contaminam o homem". Mc 7: 21-23. A higiene mental por si só não é capaz de purificar o coração humano, mas quando opera com o poder do Evangelho, alcança resultados dos mais lisonjeiros. Seria, portanto, melhor falarmos em educação cristã, que engloba tanto o Evangelho como a higiene mental.

Quando falamos em educação cristã, é principalmente para a criança que devemos volver nossas vistas, não sòmente "porque é mais fácil prevenir do que remediar", mas também porque, de um ser em formação, podemos obter mais do que de um já formado.

Inicialmente, a educação cristã é problema da alçada das mães, pois são elas que primeiro estabelecem contacto com os filhos. Falamos primeiro à mãe, depois ao pai, em terceiro lugar ao professor, e em último lugar aos adultos em geral.

O maior obstáculo que se antolhará ao apêlo que fazemos em favor da educação cristã, é talvez o fato de a maioria dos pais julgarem saber educar seus filhos com suficiente bom senso, pois, para muitos, o bom senso, desde Descartes, é "a coisa mais bem repartida dêste mundo, porquanto cada qual pensa ser dêle tão bem provido que, mesmo aquêles que custam a se contentar a respeito de qualquer outra coisa, não costumam desejar mais do que têm"; por isso muitos se têm na conta de bons educadores e pensam poder dispensar conselhos e advertências.

Poucos pais, na realidade, sabem educar seus filhos de maneira que amanhã, na vida, tragam honra para o nome de Deus, alegria para os genitores e vitória para si mesmos. Poucos pais compreendem que a educação é uma emprêsa dificílima e delicadíssima, aliás uma ciência que, se fôr corretamente aplicada, produzirá, cristãos vitoriosos, que serão uma bênção para a sociedade, mas se fôr negligenciada ou mal aplicada, produzirá, pelo contrário, ruínas morais, viciados, cri-

minosos, psicopatas, criaturas fracassadas, que serão uma maldição para a sociedade.

Por incrível que pareça a alguns, os dois primeiros anos de vida da criança talvez sejam mais importantes na formação de sua personalidade que o resto de sua existência.

Aos três anos de idade, já se lançam as bases da vida da criança, e suas emoções já se fixaram. Nessa idade, os pais, voluntária ou involuntàriamente, já determinaram em grande parte se o menor será um adulto sadio, vitorioso e feliz, ou se será doentio, neuropata, angustiado e fracassado. É, pois, desde o bêrço que se forma o destino do novo ser. É na mais tenra infância que se lhe prepara o caminho para êle tornar-se um hóspede gratuíto do manicômio ou do cárcere, ou uma pessoa bem vista na igreja e na sociedade; um candidato ao inferno ou um candidato ao Céu.

Os psicólogos e psiquiatras modernos são unânimes em admitir que os primeiros anos da criança são decisivos para o resto de sua vida. É quando se molda a personalidade do pequeno ser. Por isso, nenhuma mãe pode, hoje em dia, dispensar os conhecimentos da educação cristã, com noções de puericultura.

Freqüentemente chegamos a uma casa de família e vemos uma criança gordinha, corada, forte, vendendo saúde, como se costuma dizer, mas muitas vêzes saímos dali decepcionados com os maus hábitos que o menor revela. É o dedo na bôca todo o tempo, é o mêdo de se aproximar de qualquer estranho, é o choramingar contìnuamente pedindo colo ou qualquer coisa que não possa receber, é o espernear quando contrariada, é o recusar alimentos e só consentir em tomá-los mediante uma série de promessas, é o desobedecer diretamente à mãe ou ao pai, ou desafiar-lhes as ordens, etc. Todos êsses e quaisquer outros maus hábitos são perfeitamente evitáveis, e, quando já contraídos, podem ser corrigidos. As mães devem ter em mente que não basta cultivar a saúde física dos seus filhos; é preciso também cuidar da sua saúde mental e moral. E quanto mais cedo tratarem disso, tanto melhor, pois os maus hábitos são geralmente adquiridos na infância e perduram tôda a vida, para a infelicidade tanto dos pais como dos filhos.

Pais e mães: Pensai na educação cristã que deveis ministrar aos vossos filhos, desde a mais tenra infância, se quereis que se tornem homens e mulheres valorosos. Tende em mente que a infância é a idade em que se molda indelèvelmente o caráter, que é a mais rica herança que podeis legar a vossos filhos.

As crianças de hoje hão-de formar a sociedade de amanhã, e os moldes da mesma estão nas mãos dos educadores, a começar pela mãe. O futuro da nação e da humanidade depende do lar.

É à falta de educação doméstica correta que se deve atribuir, primordialmente, as doenças, os crimes e tôdas as formas de miséria que amaldiçoam o mundo. Se a vida de todo lar fôsse pura, verdadeira e cristã, e se os filhos que dêle partem fôssem, por preceito e exemplo, preparados para enfrentar os problemas da vida, que mudança não se veria na sociedade!

Nunca houve um tempo em que a humanidade necessitasse tanto como agora a educação cristã, porque, desde os dias anteriores ao dilúvio, quando "a maldade do homem se havia multiplicado na Terra" e quando "era contìnuamente mau todo desígnio do seu coração", nunca houve um tempo em que os homens mostrassem tanto desrespeito à Lei Moral de Deus como agora. Basta lembrarmos as guerras que ùltimamente temos testemunhado e as ondas de delinqüência juvenil que se verificam em quase todos os países, e os muitos problemas da vida social, política e econômica. Não é sem motivo que as doenças mentais se multiplicam dia a dia nos países tidos como civilizados. Nos Estados Unidos, onde se fazem estatísticas rigorosas, existiam, em 1952, cêrca de

470.000 psicopatas hospitalizados. Mas o mais assombroso é que os hospitais, ali, admitem cada ano 150.000 novos pacientes. E levemos em conta ainda numerosos outros indivíduos que se tratam com médicos particulares, e, igualmente, numerosos outros que, embora necessitados de tratamento, não buscam tratamento psiquiátrico. Calcula-se que, de cada 100 cidadãos norte-americanos, 10 já estiveram, estão ou estarão com as faculdades mentais afetadas. Dez por cento da população! Espantoso! Essa porcentagem revelada por uma estatística de 1939, deve sem dúvida ter subido durante e após a segunda guerra mundial.

O índice neuropático em nosso País está bem abaixo das cifras dos Estados Unidos, mas como o nível social da humanidade inteira está decaindo mais e mais, com uma aceleração notável, é nosso urgente dever apelar com insistência a todos os lares para que volvam não só as suas vistas, mas também seus corações, para os infantes, pois que a infância é a idade estratégica na luta contra os males que estão, qual um câncer, corroendo a sociedade.

A Redação

——//——

O EFEITO DA APARÊNCIA PESSOAL

A aparência pessoal tem muito que ver com o êxito da pessoa.

"Guardar as aparências, eis a habilidade; o mundo acreditará no resto", diz Charles Churchill.

"Os homens são avaliados não pelo que são e sim pelo que aparentam", explica Litton.

"O mundo é governado mais por aparências do que por realidades", afirma Daniel Webster.

Se, entre outras condições necessárias, tiveres boa aparência, terás bastante êxito na vida; se, porém, te faltar a boa aparência, terás nessa deficiência um grande obstáculo ao teu progresso.

Diz um dos principais homens de negócio:

"A pessoa, homem ou mulher, que me vem apresentar uma proposta qualquer, deve ter uma linha distinta, bem como aparência e maneira agradáveis, pois, do contrário, não lhe darei a mínima atenção. Por mais vantajoso que seja o seu projeto, não lhe darei ocasião de o pleitear, a menos que seja possuidor de uma personalidade agradável. E a razão para isso é tão simples como natural. Ser-me-ia impossível prestar atenção à metade das pessoas que me procuram para fins de propostas de negócios, e como tenho de recusar os serviços de muitos dêles, recuso, sem ouvir, todos os que me são oferecidos por pessoas que não sejam de boa apresentação e de maneiras delicadas. Tomo por verdade que tôda boa proposta deve ser feita por pessoas de primeira ordem, e vice-versa".

A boa aparência é uma necessidade imprescindível, se queres receber atenção daqueles com quem precisas falar, se desejas conseguir bons empregos, se almejas conquistar promoções, pois, pela boa apa-

rência, os outros te julgarão possuidor de respeito próprio. A aparência exterior é um índice do que há no interior, pelo que deves ser cuidadoso com os letreiros que ostentas em tua pessoa, pois é por êles que o mundo te julgará.

As casas comerciais mais importantes, por regra, não empregam pessoas que se mostrem desleixadas; dão preferência, decididamente, àquelas que revelam uma aparência distinta.

O asseio pessoal, o esmêro indumentário e as boas maneiras são os primeiros pontos que o patrão costuma observar nos candidatos a um emprêgo em sua firma. Se o pretendente se apresenta com as mãos sujas, com as unhas "enlutadas", com a barba por fazer, com o cabelo cheio de caspas, despenteado e reclamando corte, e se aparece com a roupa não muito limpa nem bem passada, e com os sapatos não engraxados, como irá o patrão adivinhar que por trás dessas qualidades patentes, negativas, há qualidades latentes, positivas? O patrão é geralmente um homem ocupado, e, ao entrevistar-se com um candidato de aparência desfavorável, não toma tempo para ver se nêle há algum mérito escondido. Tem motivos suficientes para não se agradar dêle e rejeitá-o logo de cara.

Na luta pela existência, o jovem desleixado se verá prejudicado não só pela aparência desfavorável, mas também pelo próprio odor do seu corpo e da sua roupa. A êsse "cheiro de pobre" a sociedade educada bem depressa torce o nariz, e com razão, mas a repulsa não se dirige à penúria, e, sim, ao desalinho e desasseio, que faz mal à saúde do corpo e da alma e que a condição de pobreza não justifica. Quem cuida do asseio do corpo e da roupa, e zela pela boa apresentação pessoal, nunca será, pela sua condição econômica, repelido nem pela mais distinta camada social. Mas quem é desleixado na aparência pessoal, ainda que tenha outras qualidades que sejam boas, êsse sim será recebido com frieza pela sociedade educada.

Tanto o asseio como o desasseio corporal e indumentário exercem influência sôbre a saúde física, mental e moral. Ao passo que o primeiro eleva o caráter, o segundo o degrada. "O desasseio neste sentido", diz E. G. White, "é nocivo à saúde e, portanto, contaminador para o corpo e a alma". Quem negligencia o cuidado da roupa e do corpo, geralmente faz o mesmo com a alma, pois, por regra, "quem é infiel no pouco também o é no muito". De uma pessoa assim, é inútil esperar o fiel cumprimento dos deveres diários. Sua negligência é generalizada. Os homens de experiência o sabem muito bem, e grandes firmas, que procuram empregados, estão bem prevenidas neste sentido.

Alega um proeminente homem do comércio:

"Aos jovens que tencionam entrar na vida comercial, e aos que ainda não alcançaram o sucesso que esperavam ter, seria de grande utilidade consultar a opinião de homens de grande sucesso e experiência, pois êstes lhes diriam que a personalidade não é apenas um elemento de valor, mas também alguma coisa indispensável a quem quer que aspire a uma posição. Milhares de homens e mulheres ... têm voltado desapontados da sua procura de emprêgo, sem desconfiarem mìnimamente dos obstáculos que os impediram de ser aproveitados. Podem ter sido muito habilitados para fazer o trabalho que procuravam, mas, graças a um pequeno descuido no vestuário ou a um deslise nas maneiras, produziram fraca impressão na pessoa que os iria empregar, pelo que perderam a ocasião de demonstrar o que sabiam fazer. Se tivessem, de antemão, considerado que os outros são levados a aquilatar sua habilidade exclusivamente à luz da sua aparência exterior, poderiam têla melhorado de maneira a terem mais pêso a seu favor".

Por mais valiosos que sejam os méritos e por maior que seja a habilidade profissional de um candidato a emprêgo,

êle se arrisca a perder grandes oportunidades e ricas vantagens por um pequeno descuido no que tange à sua aparência pessoal. Um pretendente de aparência distinta, embora não tenha a metade da aptidão daquele, pode, graças às suas exterioridades criteriosamente zeladas, ser aceito onde aquêle, hábil mas desleixado, não tem vez.

Inúmeros jovens, pela negligência manifesta no seu porte pessoal, fracassam repetidas vêzes até serem levados ao desânimo, acreditando-se de fato inaptos para o que quer que seja. Desacoroçoados pelos reiterados fracassos, cuja verdadeira causa ignoram, perdem, finalmente, a coragem, soltam os freios do brio, e tornam-se ruínas da sociedade.

Diz O. S. Marden:

"Ninguém, estatístico ou sociólogo, poderá saber, qual a grande porcentagem do grande exército dos desocupados, dos 'habitués' dos cortiços, dos desiludidos, dos mendigos e dos criminosos, que constituem a escória social e que caíram nessa miseranda condição simplesmente porque descuidaram das aparências quando pela primeira vez se lançaram na vida.

"Nesta época de competição feroz, em que a lei da 'sobrevivência do mais apto' atua com um rigor impiedoso, ninguém deve quedar-se indiferente ao menor detalhe do vestuário, das maneiras ou da aparência, a menos que deseje aumentar suas probabilidades de insucesso".

Como um simples pedregulho colocado numa nascente pode mudar completamente o curso das suas águas, assim a primeira impressão produzida pela aparência pessoal, conforme seja ela boa ou má, pode colocar um jovem no caminho do sucesso ou do fracasso. Pode ser que nunca lhe chamem a atenção para a roupa, sapato, cabelo, barba, unhas, etc., e que êle nunca chegue a sonhar que sua aparência pessoal é objeto de crítica, censura e condenação, e que êle nunca desconfie de que sua personalidade é subestimada, graças ao seu desleixo visível, mas o que não padece a menor dúvida é que o patrão julga as qualificações do candidato a emprêgo pelo cuidado que êle dispensa à sua própria pessoa, principalmente no que diz respeito ao vestuário. Aos olhos do patrão, as exterioridades do candidato dão testemunho do seu caráter, pois o mundo julga que um jovem não irá pôr na sua apresentação menor desvêlo que em tôdas as outras coisas. Portanto, qual o seu porte pessoal, tal o seu trabalho. Eis o julgamento em voga. Há exceções. Muitas vêzes uma pesoa desmazelada no trato pessoal faz um trabalho de arte. Mas o mundo, em geral, não procura adivinhar as exceções; limita-se à regra; julga os méritos pela aparência pessoal.

Certa vez a revista "London Draper's Record" trouxe um artigo que dizia o seguinte:

"Onde quer que se verifique algum cuidado notável no asseio pessoal e no alinho indumentário, quase sempre se encontra também um cuidado meticuloso no acabamento do trabalho realizado. Operários de hábitos pessoais descuidados, geralmente também são descuidados no trabalho que produzem. Aquêles que são negligentes quanto à sua aparência, também o são quanto à sua produção. E o que se observa na fábrica, observa-se também no escritório e em tôda parte. Não é verdade que o balconista diligente é quase sempre muito cuidadoso no seu vestuário, refratário a usar colarinho amarrotado, punhos abarrados de pó e gravata desbotada? A verdade do caso parece firmar-se no fato de que os cuidados extremados nos hábitos pessoais e na aparência geral são, via de regra, prova de certo grau de primor de espírito, que se opõe, por lhe ser contrário, a tudo quanto é relaxamento".

A aparência pessoal é assunto tão importante que sua influência se faz sentir não apenas na vida profissional, mas também em outros âmbitos, como, por exemplo, na vida religiosa. A propósito, eis as palavras de E. G. White:

"Os seguidores de Cristo são representados por Êle como o sal da Terra e a luz do mundo. Sem a salvadora influência dos cristãos o mundo pereceria em sua própria corrupção. Olhai à classe de professos cristãos descrita, que são descuidosos com o seu vestuário e sua pessoa; frouxos nas transações, como o demonstra seu trajar; toscos, sem cortesia e rudes de maneiras; baixos nas conversas... Pensais vós que se nosso Salvador estivesse na Terra os havia de apontar como sendo o sal da mesma e a luz do mundo? — Não, nunca!

"Os (verdadeiros) cristãos ... evitarão, no vestuário, a superfluidade e a ostentação, mas suas roupas serão asseadas, não luxuosas, discretas e arranjadas com correção e bom gôsto...

"A influência dos crentes seria dez vêzes maior se os homens e mulheres que aceitam a Verdade, havendo sido anteriormente descuidados e negligentes em seus hábitos, fôssem tão elevados e santificados por meio dessa Verdade que observassem hábitos de asseio, ordem e bom gôsto em seu trajar".

A Redação

——//——

SETENTA ANOS DEPOIS — V

D. Nicolici

O Ensino Adventista Acêrca da Expiação

O ensino do Santuário é a doutrina básica em que está edificada tôda a mensagem adventista. De há muito vem sendo reconhecida como imutável plataforma da Verdade. Foi portanto, como é natural, tremendo choque para milhares de crentes adventistas sinceros, tanto nos EE. UU. como noutros países, haver-se submetido ostensivamente a emendas esta importante doutrina, como resultado das objeções suscitadas pelo Sr. Martin e outros líderes protestantes. O ponto especial de discórdia foi a Expiação. À luz da profecia dos 2300 dias, de Daniel 8:14, têm os adventistas congruentemente ensinado, desde o início do movimento, que o dia antitípico da Expiação começou no fim dêsse longo período de tempo, em 22 de outubro de 1844, tendo então início o período do Juízo Investigativo. Em conformidade com o tipo, deve haver uma purificação do santuário celeste, e esta não se poderia fazer sem sangue. Cristo foi crucificado no Calvário, ocasião em que Se ofereceu como nosso perfeito e completo sacrifício, pagando assim o preço da redenção por tôda a raça humana. Tendo ascendido ao Céu, Cristo começou Seu serviço no "verdadeiro tabernáculo" ou "santuário celestial" construído por Deus, e era mister que esta obra se realizasse no primeiro compartimento, ou lugar santo, onde Êle seria nosso Mediador, até que se cumprisse a profecia dos 2300 dias. Após essa data Cristo entrou no segundo compartimento do santuário celestial, para

ali realizar a obra final da expiação ou, em outras palavras, a purificação do santuário". Quando se completar êste antitípico dia da Expiação ou Juízo Investigativo, findará a graça. Esta doutrina é que, juntamente com o Sábado, tem parecido constituir-se intransponível barreira entre os adventistas e outras corporações cristãs.

A doutrina popular sustentada pelos protestantes fundamentalistas é que a Expiação foi completada na cruz, e êles não reconhecem tal serviço a que nos referimos como a "purificação do santuário". Por mais de cem anos os adventistas do sétimo dia têm sido classificados pelos protestantes como "hereges consumados" e "não-cristãos", em razão desta e de outras verdades quejandas.

Pelos relatórios trazidos à luz na *Eternity Magazine*, é evidente que todo o êxito a que chegariam os adventistas do sétimo dia e os protestantes fundamentalistas dependia da atitude que os líderes adventistas do sétimo dia tomariam em face da questão da Expiação. Como não houve sinal de transigência da parte do Sr. Martin e dos que êle representava, no tocante ao seu ensino e doutrina, foi deixado aos líderes adventistas do sétimo dia escolher: ou facilitarem alguma espécie de emenda ou correção, ou continuarem, no conceito do mundo protestante, como "hereges consumados".

Os fatos evidenciam que, em vez de levarem o Sr. Martin e os outros homens do seu grupo a ver luz na apresentação adventista da questão do santuário, os irmãos de Takoma Park consentiram em reestudar esta questão bem como outras que fôssem igualmente objetáveis para o mundo protestante em geral. O presidente da Conferência Geral e seus conselheiros consentiram em dar ao Sr. Martin e seus associados plena liberdade para investigarem todos os livros e documentos que êle considerasse necessários à avaliação das crenças dos adventistas do sétimo dia, recebendo, também, qualquer objeção que o Sr. Martin apresentasse. Isto redundou nas quarenta perguntas de que trata o livro *Questions on Doctrine*. O responder às mesmas constituiu grande tarefa para os teólogos adventistas. Em primeiro lugar perceberam que aquela era a áurea oportunidade que tanto aguardavam e de algum modo precisavam convencer os protestantes de sua sinceridade ao procurarem melhores relações. Foram prontos a admitir que houvera anomalias em sua apresentação da mensagem no passado, mas que estas seriam corrigidas. Além disso estavam preparados para alguma oposição a surgir em suas próprias fileiras.

O problema seguinte era encontrar em documentos históricos, nos escritos publicados ou não publicados da Sra. White, bem como noutras publicações adventistas, uma resposta que aparentemente satisfizesse a pergunta do Sr. Martin e ao mesmo tempo colocasse a atitude adventista na melhor luz perante o mundo protestante. Nas respostas dadas também tinha de ser considerada a reação que imediatamente surgiria quando as lessem outros ministros, obreiros e membros da igreja. A impressão que devia ser dada aos membros da igreja era a de que não houve mudança alguma na doutrina, e que qualquer mudança aparente era meramente uma exposição mais clara do que a denominação sempre creu.

Para dar uma idéia do que estava envolvido nesse empreendimento, o ancião Froon nos diz, no *Ministry* de fevereiro de 1957: "O acesso aos nossos arquivos completos de todos os velhos periódicos que contêm os dois mil artigos de Ellen G. White não é fácil, pois não há arquivo completo em nenhum lugar. Além disso, não dispomos das inapreciáveis declarações dos manuscritos em forma de publicações... Sabia-se que a busca que isso representava seria mui trabalhosa, em razão da enorme quantidade de material que se teria de repassar".

Agradecemos a Deus por haver essa extensa busca trazido à luz grande quan-

tidade de material valioso que durante anos tem sido desconhecido e não tem sido apreciado. Contudo, o que nela há de lamentável é que em muitas das citações de manuscritos da irmã White o leitor não pode compreender completamente o propósito da escritora, não tendo acesso ao artigo ou manuscrito completo de que foram tiradas. Reiteradas vêzes se tem provado que muitas declarações de manuscritos não publicados foram usados por escritores no passado para provar determinado ponto, e, no entanto, quando se apresentava o artigo, podia ver-se claramente que essas declarações foram deslocadas do seu conjunto.

A Nova Atitude em Face da Expiação

Nas páginas 341 e 369 do *Questions on Doctrine* se encontram estas perguntas, feitas pelo Sr. Martin aos líderes adventistas do sétimo dia, acêrca da Expiação:

"Os adventistas do sétimo dia têm sido freqüentemente acusados de ensinarem que a expiação não se completou na cruz. É verdadeira a acusação?

"Uma vez que os adventistas afirmam ter sido feito na cruz um sacrifício expiatório completo, que ensinais acêrca do ministério de Nosso Senhor como Sumo Sacerdote no Céu? Quando assumiu Cristo Suas responsabilidades como sacerdote? Que entendeis pela expressão 'vivendo sempre para interceder'? Como pode Cristo oficiar como sacerdote num santuário e ao mesmo tempo ocupar o trono de Seu Pai?"

Poder-se-ia ter fàcilmente respondido a estas perguntas pelas definições dadas pelos pioneiros do movimento adventista, bem como pelos escritos de proeminentes homens do passado e do presente, mas especialmente pela referência às passagens mais familiares dos livros publicados da irmã White. Entretanto, foi evidente a duplicidade de propósito no responder a esta bem como às outras questões e, em lugar de darem repostas diretas, os teólogos da Conferência Geral especularam com a definição de têrmos empregados na descrição da Expiação e reduziram a quase nada as diferenças entre o ensino adventista e o dos protestantes evangélicos fundamentalistas.

Na tentativa de triturar o acervo de evidências dos ensinos denominacionais que tornam clara a diferença entre o conceito adventista da Expiação e o do mundo protestante, fêz-se a seguinte declaração como resumo da resposta à primeira das perguntas supra-mencionadas:

"Alguns dos nossos primitivos escritores adventistas do sétimo dia, crendo que a palavra 'expiação' tinha um significado mais amplo do que aquêle que muitos dos seus companheiros cristãos lhe ligavam, expressaram-se indicando que a 'expiação' não foi feita na cruz do Calvário, sendo, isso sim, feita por Cristo depois de haver Êle sido investido no Seu ministério sacerdotal no Céu. Criam plenamente na eficácia do sacrifício de Cristo em prol da salvação dos homens, e criam mui seguramente que êsse sacrifício foi feito uma vez por tôdas e para sempre, mas preferiam não usar a palavra 'expiação' como referindo-se *sòmente* à obra sacrifical de Cristo no Calvário. Como nós êles criam, repetimos, que a obra sacrifical de nosso bendito Senhor no monte do Calvário foi plena e completa, para jamais ser repetida, e que foi feita uma vez por tôdas... Considerada a pergunta nesta luz, ver-se-á que se trata de uma questão de definição de têrmos". *Questions on Doctrine*, pgs 347, 348.

"É lamentável que uma falta de definição de têrmos tão freqüentemente leva a má compreensão do máximo tema da mensagem cristã". Idem, pg. 348.

Notar-se-á, nas perguntas do Sr. Martin aos irmãos da Conferência Geral, que elas se aproximam cada vez mais do ponto de extrair dêles uma declaração destinada a tornar a longamente mantida doutrina adventista da Expiação, insignificante e insuficiente para separar os adventistas de outros "cristãos renascidos". Após

várias páginas que de vários ângulos discutem o ministério sacerdotal de Cristo, vem à luz o novo rebento de heresia, na seguinte expressão: "Quão glorioso é o pensamento de que o Rei, que ocupa o trono, é também nosso representante na côrte celestial! Isso se torna tanto mais significativo ao considerarmos que Jesus, nosso penhor, entrou nos 'lugares santos' e em prol de nós apareceu na presença de Deus. *Mas não foi com a esperança de obter algo para nós naquele tempo ou em algum tempo futuro.* Não! Êle já o obtivera para nós na cruz. E agora, como Sumo Sacerdote, nos ministra as virtudes de Seu sacrifício expiatório". Idem, pg. 381.

Notem-se especialmente estas palavras já citadas. *"Mas não foi com a esperança de obter algo para nós naquele tempo ou em algum tempo futuro. Não! Êle já o obtivera na cruz".* (O grifo é nosso). Se é para aceitar esta expressão como verdade, ela invalida tudo o que os adventistas têm crido e ensinado acêrca da questão do santuário. Não há outro meio de justificar-nos perante o mundo cristão senão reconhecermos abertamente que temos laborado em crasso êrro durante os últimos cem anos, em nossa interpretação da Expiação, e agora, graças aos nossos amigos protestantes evangélicos, fomos iluminados.

Uma das mais primitivas definições da verdadeira posição adventista no respeitante à Expiação aparece num documento chamado *Declaração de Princípios Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia,* publicado em Battle Creek em 1872: "Que há um Senhor Jesus Cristo, o Filho do Pai Eterno, Aquêle que criou as coisas e por quem estas subsistem; que Êle tomou sôbre Si a natureza da semente de Abraão para a redenção da nossa raça caída; que Êle habitou entre os homens, cheio de graça e verdade, viveu como nosso exemplo, morreu como nosso sacrifício, ressuscitou para nossa justificação, ascendeu ao Céu *para ser nosso único Mediador no santuário celeste, onde, com Seu próprio sangue faz expiação por nossos pecados, a qual expiação, longe de ter sido feita (completada) na cruz, que foi apenas a oferta do sacrifício, é exatamente a última porção de Sua obra como Sacerdote, de acôrdo com o exemplo do sacerdócio levítico, que exemplificava e prefigurava o ministério de nosso Senhor no Céu".*

A seguinte declaração do Espírito de Profecia acredita plenamente a supradita definição:

"Ao morrer Jesus no Calvário, clamou: 'Está consumado', e o véu do templo partiu-se de alto a baixo. Isto deveria mostrar que o serviço no santuário terrestre estava para sempre concluído, e que Deus não mais Se encontraria com os sacerdotes em Seu templo terrestre, para aceitar os seus sacrifícios. O sangue de Jesus foi então derramado, o qual deveria ser oferecido por Êle mesmo no santuário nos Céus. Assim como o sacerdote entrava no lugar santíssimo uma vez ao ano, para purificar o santuário terrestre, entrou Jesus no lugar santíssimo do celestial, no fim dos 2300 dias de Daniel 8, em 1844, para fazer uma expiação final por todos os que pudessem ser beneficiados por Sua mediação, e assim purificar o santuário". 2TS:210.

Com o fito de neutralizar o efeito da declaração pública anterior, o redator do *Ministry* de abril de 1958 nega categòricamente a validade dela:

"No número de janeiro do *THE MINISTRY* (página 41), fêz-se referência a um folheto de 14 páginas, publicado em Battle Creek em 1872, intitulado *Declaração de Princípios Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia.* Êste não foi preparado por nenhum grupo nem abonado por nenhuma comissão, ao que se contém nos registros. Não foi uma publicação 'oficial', e muito menos um 'credo'. Nenhuma edição futura se fêz, embora o conteúdo tenha aparecido mais tarde, em 1874, no primeiro volume do *Signs of the Times*".

Perguntaríamos: Que interêsse teve

o redator do *Ministry* ao negar essa crença peculiar após haverem-na os adventistas do sétimo dia aceitado como coluna de sua fé e edificado sôbre ela durante cem anos? Tem o documento menor valor por não poder o redator do *Ministry* encontrar exatamente os livros de relatórios da comissão que formulou e aceitou essa declaração?

Referindo-nos novamente à declaração já citada de *Questions on Doctrine*, pg. 381, em que se encontra definição inteiramente nova da doutrina da Expiação, citamos, de uma circular escrita pelo Ancião Andreasen, datada de 14 de novembro de 1957:

"Quando li isto eu não tinha a certeza de o haver lido certo. Cristo está pleiteando com Seu sangue diante do Pai. Êle tem pleiteado com Seu sangue durante dezoito séculos, e após 1844 'ainda pleiteia com Seu sangue perante o Pai em favor dos pecadores'. O Conflito dos Séculos, pg. 429. 'Em 1844 Cristo entrou no lugar santíssimo do santuário celeste, a fim de levar a efeito a obra final da expiação, preparatória à Sua vinda'. Idem, pg. 422.

"Esta e outras declarações eu lera muitas vêzes antes, mas agora o 'intérprete' diz que conquanto Cristo estivesse ali em pé na presença de Deus, a nosso bem, *'não era com a esperança de obter algo para nós naquele tempo ou em algum tempo futuro. Não! Êle já o obtivera para nós na cruz'.*

"Li isto repetidas vêzes. Mas cada vez me parecia mais impossível que um adventista pudesse escrever tais palavras e que uma comissão pudesse aprová-lo e recomendá-lo a não adventistas e a nosso próprio povo. Devia ser que eu não o tivesse lido certo. Assim sendo, pedi que minha espôsa o lesse para mim. Afastei-me e chorei. Isso não podia ser assim; mas assim era.

"Adventistas que durante mais de cem anos ensinaram que a obra de Cristo no santuário é de suprema importância para a humanidade, agora ensinam que Cristo pleiteia com o Pai há 1800 anos, mas nada recebe! Por que não Lhe disse o Pai que cessasse de pleitear, visto como Êle já havia recebido na cruz tudo o que era para obter? Mil e oitocentos anos se passam e Cristo entra no Lugar Santíssimo, e nas palavras patéticas da irmã White 'Êle *ainda* pleiteia com Seu sangue, perante o Pai, em favor dos pecadores'. O Conflito dos Séculos, pg. 429. Mas 'não!' *Nem naquele tempo nem em algum tempo futuro receberia Êle coisa alguma.*

"Protesto, em alta voz protesto. E cem mil pessoas protestarão comigo. *Estas palavras não devem ir ao povo como aprovadas por adventistas do sétimo dia.*

"Então me entreguei um pouco mais à reflexão e oração. O irmão que escreveu isso deve ter sabido o que disse, ou talvez não quisesse dizê-lo exatamente como soa. Talvez não quisesse dizer que Cristo o recebera *na cruz,* mas *após Sua ascensão* na Sua coroação. Quiçá êle queria apenas dizer que Cristo o recebera em tal abundância que poderia distribuí-lo aos Seus seguidores pouco a pouco, segundo as suas necessidades. Mas então por que pleiteou Cristo *com Seu sangue? O pleitear com o Sangue significa expiação.* E foi exatamente isso que Êle fêz. 'Êle pleiteou com Seu sangue perante o Pai... no primeiro compartimento do santuário celeste'. O Conflito dos Séculos, pg. 421. 'Em 1844 Cristo entrou no lugar santíssimo do santuário celeste, a fim de levar a efeito a obra final da expiação'. O Conflito dos Séculos, pg. 422. 'Êle ainda pleiteia com Seu sangue, perante o Pai'. pg. 429. Por nenhum esfôrço de imaginação se pode conceber *que Cristo pleiteie por aquilo que já recebeu* e que ao mesmo tempo *não tenha esperança de o receber,* agora ou mais tarde! Nosso povo não entenderá tal linguagem, nem a entenderão outras igrejas. Como a expressão reza, despoja a Cristo de todo poder como Mediador.

"Doi-me o coração ao escrever isto. Agora mesmo me pergunto se vejo as coisas. Mas não, lá estão as palavras pe-

rante mim, na página 381. Nenhuma quantidade de explicação bastará. A serem verdadeiras aquelas palavras, hemos perdido nossa mensagem. Já não há significação alguma para o nosso ensino acêrca do santuário. Cristo pode estar lá, mas nos é dito que Êle pleiteia com Seu sangue em vão. Cristo não tem *esperança* (o grifo é dêle) de obter coisa alguma; e o Pai, sem dúvida, também o sabe. Apesar disso, os dois executam sua pálida obra durante 1800 anos e depois entram no lugar Santíssimo para repetir a farsa. Quase acho ser blasfêmia o mero repetir estas palavras; e que farei quando eu tiver de pregar a nova luz? A situação tôda é incrível. Se houver de ser esta a nossa mensagem, que Deus nos ajude".

Parecia muito evidente, no início de sua conferência com os líderes adventistas, que o Sr. Martin e seus associados se apresentavam com pouca esperança de que os adventistas, considerados tão firmes em sua doutrina da Expiação, fôssem algum dia demovidos. Isso é o que nos relata o Sr. Barnhouse na revista *Eternity* de setembro de 1956: "A maior área final de divergência é a doutrina do 'juízo investigativo', doutrina jamais conhecida na história teológica antes da segunda metade do século dezenove, e que é sustentada exclusivamente pelos adventistas do sétimo dia. Logo no início de nossos contatos com os líderes adventistas, o Sr. Martin e eu pensávamos fôsse esta a doutrina sôbre a qual seria impossível chegar a qualquer entendimento que nos permitisse incluí-los entre os que se podiam enumerar como cristãos crentes na obra de Cristo concluída". O fato de haverem os protestantes fundamentalistas aceitado os adventistas do sétimo dia no aprisco do "Corpo de Cristo" é prova suficiente de que as condições daqueles foram plenamente aceitas.

——//——

Cantinho das Crianças

O MENINO QUE MATOU UM LEÃO

No vale estava um rebanho de ovelhas pastando a relva verde. Elas não temiam os animais ferozes porque Daví, seu pastor, era um rapazinho forte e valente, e cuidava delas com muita atenção.

Êste menino-pastor, Daví, viveu há muitas centenas de anos, na cidadezinha de Belém, onde, muito tempo depois, Jesus nasceu. O nome de seu pai era Jessé, e êle era o mais moço de uma porção de irmãos.

Daví era um belo rapazinho de cabelos ruivos, olhos azuis e pele clara. Era forte e ativo, e vivia muito ao ar livre. Gostava de brincar, mas tinha também de trabalhar.

Quando era ainda menino, começou a ajudar no cuidado das ovelhas. A princípio um dos irmãos mais velhos ia com êle. Quando êle ficou maior, ia sòzinho.

Tôdas as manhãs êle ia ao curral, que era um grande cercado, com abrigos ou

alpendres do lado de dentro. Êle chamava as ovelhas, e elas o seguiam, porque conheciam sua voz. Daví as conduzia abaixo da colina em que sua cidade estava edificada, atravessava o vale, indo para as colinas que ficavam do outro lado.

Às vêzes êles tinham de fazer um caminho até encontrar capim. Em alguns lugares as colinas ou montes eram cheios de altos e baixos. Havia pedras e espinhos. Em certas partes a chuva tinha cavado grandes buracos no chão. Davi vigiava com muito cuidado as ovelhas, de maneira que não caíssem nesses buracos.

O dia todo elas comiam da fresca relva. Quando se cansavam de trepar pelas colinas, Davi as levava a um lugar de sombra, onde se deitavam e descansavam. Também as conduzia a águas tranqüilas, onde matavam a sêde.

À noite, elas o acompanhavam outra vez ao curral. Quando as noites eram quentes e agradáveis, êle não as levava para casa, mas ficava com as ovelhas nos montes, onde os outros pastores também guardavam seu rebanho.

Não gostariam vocês de acompanhá-lo para alí um dia? Estou certo de que havia ocasiões em que êle se sentia tão só, tendo por companheiros apenas as ovelhas! Êle sempre levava alguma coisa debaixo do braço. Querem saber o que era? Uma harpa, que êle tocava muito bem.

Davi escutava os pássaros cantar, e depois fazia com que a harpa tocasse a mesma melodia. Ouvia as fontes rumorejando enquanto corriam sôbre as pedras, e tocavam um hino semelhante. Por vêzes a chuva caía suavemente, ou o trovão ribombava. Todos êsses sons Davi repetia em música, na sua harpa.

Mas êle não estava todo o tempo a tocar e cantar. Em muitas coisas Davi era como os outros rapazinhos de agora. Levava um pedaço de couro, com que fazia uma funda. Segurando as duas extremidades no momento justo, podia atirar a pedra mesmo aonde êle queria. Dentro de algum tempo era capaz de acertar em muitas coisas, mesmo os ursos ligeiros, e os lobos que buscavam apanhar as ovelhas.

Um enorme leão se agachou por trás de um rochedo. Tinha a côr tão parecida com a da pedra que, de longe, ninguém o enxergava. O dia todo aquêle leão não havia comido e olhava, faminto, o rebanho de Davi. Lambia os beiços e abanava a cauda de um lado para o outro. Davi estava sentado numa pedra, com o cajado na mão, e tinha os olhos abertos para descobrir qualquer perigo. Ia escurecendo, e as pesadas sombras se estendiam por sôbre o vale. Dentro em pouco, êle iria levar o rebanho para casa.

De repente, ouviu-se um ruído, um salto, e o grande leão furtou um cordeirinho a sua mãe, saltando com êle para a floresta. O menino Daví pôs-se de pé de um pulo, e correu atrás do animal como um relâmpago, deixando as ovelhas tôdas juntinhas, atemorizadas.

No momento em que o leão deitou o cordeirinho no chão, para comê-lo, Daví saltou-lhe em cima. Agarrou-o pela juba ou cabeleira, e antes de o bicho ter tempo de o estraçalhar com a forte pata, já êle matara a fera com a faca. Depois levou o cordeirinho para junto da mãe, que estava a balir tristemente, e conduziu o rebanho para o curral, onde estavam em segurança.

Além do leão, uma vez um urso apanhou um cordeiro. Davi correu para o urso, e êste se pôs de pé e tentou ferí-lo com as grandes patas. Mas Deus ajudou a Davi a salvar o animalzinho. O rapaz conseguiu matar o urso também. Êle tinha de ser valente e combater as feras, senão logo elas matariam tôdas as ovelhas.

——//——